

de ensaios vem de J. M. Walton e centra-se no problema da tradução dos textos trágicos antigos para as línguas modernas, «The Translator's Invisibility» (pp. 143-158). A partir do exemplo da presença da ironia e até da paródia nos poetas trágicos, o A. discorre sobre a angústia do tradutor quando depara com passos dessa natureza num quadro que tem sobretudo como tónica geral a ideia de trágico.

Cada artigo é acompanhado individualmente da bibliografia utilizada pelo respectivo autor. Eventualmente, teria sido útil uma biografia final geral. Mas não devemos esquecer que a colectânea segue o esquema da publicação periódica e não o de uma obra colectiva. Daí que encontremos também neste volume um pequeno conjunto de recensões críticas a obras de temática relacionada com o teatro grego antigo e sua recepção e pragmática. Não podemos, todavia, deixar de salientar a originalidade temática da maioria dos contributos aqui apresentada.

NUNO S. RODRIGUES

Universidade de Lisboa

nonnius@letras.ulisboa.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_31

PEDRO DE VALENCIA, *Obras Completas II Escritos Bíblicos y Teológicos*, Jesús M^a Nieto Ibáñez coord.), Colección Humanistas Españoles 37, Universidad de León 2014, 682 pp., ISBN 978-84-9773-693-0.

A edição das obras completas do Humanista estremenho Pedro de Valência distingue-se pelo seu fôlego: são dez volumes, repartidos por uma temática diversa (tratados de exegese bíblica, escritos teológicos, escritos filosóficos e científicos, escritos sociais e económicos, relatórios das Índias, textos de crítica literária, histórica e artística, bruxaria e superstição, traduções e epistolário) que têm vindo a ser publicados desde o início do milénio, sob a coordenação geral inicial do malogrado Dr. Gaspar Morocho Gayo, professor catedrático de filologia grega da Universidade de León, depois continuada por Jesús Paniagua Pérez, Diretor do Instituto de Humanismo y Tradición Clásica de la Universidad de León. Coube, portanto, a académicos da instituição e à universidade leonesa o abraçar de uma empresa de grande envergadura e relevância para os estudos do Humanismo espanhol, de que Pedro de Valência constitui o brilhante canto do cisne. Pedro de Valência tem uma obra vastíssima e rica, tendo-se o seu pensamento exprimido em

obras de filosofia, economia, sociedade sua contemporânea, política, crítica literária, mas foi acima de tudo um biblista secular. Tendo estudado com os Jesuítas em Córdova e Salamanca, a sua proximidade com Frei José de Siguënza, Jerónimo bibliotecário do Mosteiro do Escorial, y Benito Arias Montano, este o grande dinamizador da Bíblia Real, a *Biblia Regia* (1569-1572/3), a segunda Bíblia poliglota (tendo sido a primeira a Bíblia Poliglota Complutense, dos inícios do séc. XV) por encargo do monarca Filipe II de Espanha. O volume coletivo, sob coordenação de J. Nieto Ibañez, também catedrático de Filologia Grega na Universidade de León, dedicado aos escritos bíblicos e teológicos, concluindo a série, reúne escritos inéditos, não constituindo um conjunto unitário de textos, o que o coordenador se apressa a esclarecer no prólogo (p. 14). Temos portanto uma coleção de textos heterogêneos na sua classificação genológica, suscitados pela principal ocupação por si exercida, que foi a de assistir, enquanto filólogo bíblico, secretário e amanuense os trabalhos do editor da Bíblia Poliglota Benito Arias Montano, de quem foi discípulo predileto. Pedro de Valência é, portanto, um autor que gravita no contexto histórico e cultural da contrarreforma de que a monarquia espanhola foi defensora. A Bíblia Poliglota I e II correspondem a momentos altos da erudição bíblica e do humanismo espanhol, este claramente trilingue (Hebraico, Grego, Latim), responsável pela primeira edição da Bíblia nas línguas antigas em que o texto foi transmitido, ou seja, o Hebraico, o Aramaico, o Grego e o Latim, uma composição tipográfica notável que teria surpreendido a Europa (Fernández Marcos, Prólogo, 13). Entre a publicação da Primeira Bíblia Real (1517 morre o Cardeal seu promotor, Jiménez de Cisneros) e a Segunda Bíblia Real, Lutero publica as suas noventa e cinco teses, dando início ao movimento reformista que sacudirá a cristandade latina, e a Igreja católica celebra o II Concílio de Trento, que declara como texto bíblico de receção autorizado e autêntico a Vulgata Latina Sisto-Clementina (1592). Com o seu Mestre Arias Montano, Pedro de Valência aprendeu as várias línguas orientais que o capacitaram para defender a obra do seu mestre das acusações inquisitoriais que, em 1592, ameaçavam algumas passagens da obra do Biblista espanhol. Estes textos mais tardios, os que dizem respeito à refutação da acusação de heterodoxia da Segunda Bíblia Real, não fazem parte deste volume, pela sua extensão e complexidade. Temos, portanto, neste volume, os textos que documentam previamente os passos de “um trabalho em curso”, o da empresa de Arias Montano.

Os textos foram escritos em Castelhana e muito poucos em Latim, sendo que, neste caso, a edição se faz acompanhar pela tradução castelhana: são eles o *De Differentia inter uerba Graeca SOFIA et FRONESIS* (111-147); *a Epistola a Paulo VI*, de 1607 (189-205); *A Ad Orationem Dominicam illam Pater Noster, qui es in coelis symbola* (227-295); e Poemas Latinos (541-557), quatro breves epigramas dedicados a Cristo, ao Espírito Santo, ao Apóstolo Pedro, ao Apóstolo Paulo; e um breve epitáfio a Cristóvão Plantino, o livreiro e editor flamengo associado à publicação da Segunda Bíblia Real de 1573. Em língua vernácula se apresenta a maioria das composições: *Exposición sobre el Capítulo I del Libro del Génesis* (p.30); o *Sermón en Loor de San Juan Bautista* (p. 64); *De La Tristeza Según Dios y Según el Mundo, Consideración sobre un Lugar de San Pablo* (p. 88); *Um Informe Autógrafo a los Comentarios a Ezequiel* (p. 156); a *Carta En la que se comenta La Sagrada Escritura* (p. 176); *De Los Autores de Libros Sagrados* (p. 214); *Para Declaración de una Gran Parte de La Estoria Apostólica en los Actos y la Epístola Ad Galatas, Advertencias* (p. 352), dedicado ao Arcebispo de Toledo Bernardo de Sandoval, o mais extenso dos documentos contidos no volume; *Advertencias de Pedro de Valência y Juan Ramírez Acerca de La Impresión de La Paráfrasis Caldaica* (p. 566); *Sobre que no se Pongan Cruces en Lugares Inmundos* (p. 663).

Esta presença maciça da língua moderna como veículo de comentário académico e erudito, de exegese e de comunicação da ciência filológica bíblica não parece justificar-se pelo particularismo das circunstâncias de comunicação que as motivam. Assim, a Epístola ao Papa Paulo VI, a pedir a criação de um dia de culto ao Apóstolo S. Paulo se escreve em Latim por razões diplomáticas óbvias e a Poesia de Pedro Valência é aposta em Latim nos restantes textos, muitos deles claramente motivados pelo correr das interrogações e esclarecimentos necessários à edição dos Textos Sagrados, manifestam uma preferência pela língua viva, o que deve colocar o leitor e o investigador disponível para ponderar uma *uexata quaestio* nos estudos bíblicos. A ideia de que os meios intelectuais católicos da contra reforma, ao privilegiarem a divulgação do Texto Sagrado nas línguas antigas (concretamente em Latim), estavam menos disponíveis para a especulação teológica e espiritual interpretativa, e o fizeram com menor fulgor e com maior reserva do grande público, privilegiando o Latim como língua de transmissão. Os escritos Bíblicos e Teológicos em vernáculo de Pedro de Valência testemunham a riqueza e a criatividade com que o Século de Ouro do Humanismo espanhol encarou a exploração da complexidade bíblica

nas suas vertentes filológica, linguística e literária, mas também histórica, arqueológica, teológica e espiritual, exploração esta que ocorreu, também e com grande qualidade, na língua de comunicação contemporânea no seu tempo.

Trabalhou neste projeto uma vasta equipa de colaboradores, a saber, Avelina Carrera de la Red, Abdón Moreno García, M^a Asunción Sánchez Manzano; Pilar Pena Búa, Raúl López López; M^a Prado Ortiz Sánchez; Raúl Manchón Gómez, Inmaculada Delgado Jara, Manuel Seoane Rodríguez y Antonio Reguera Feo, o coordenador Jesus Nieto Ibañez. Estes académicos partilharam entre si as introduções, as edições críticas e, nos casos considerados, as traduções. Fica a edição a dever-lhes, nesta notável monografia cujo maior mérito é o de fornecer um acesso à especulação intelectual exegética de Pedro de Valência, alguma informação, nótula biográfica, ou simples menção da afiliação relativa aos membros desta vasta equipa. Iguamente nos parece empobrecedor a falta de uma bibliografia, mesmo que sumária, ou a acompanhar os estudos introdutórios a cada um dos textos editados, ou mesmo uma bibliografia conjunta, no final do volume. Assim, só o mais longo dos tratados *Para uma Declaración de una Gran Parte de La Estoria Apostolica* apresenta referências bibliográficas no final do estudo introdutório (345-350), a cargo de M^a del Prado Ortiz Sánchez.

PAULA BARATA DIAS

Universidade de Coimbra

pabadias@hotmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_32

PINTO, António Guimarães, *Apostilas a António Luís. 1. António Luís e João de Barros, 2. António Luís, António Pinheiro e Rodrigo Sánchez*, Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2013. ISBN 978-989-96236-4-4; 978-972-789-399-7 292pp.

Esta obra, o volume n. 5 da série monográfica ‘Alberto Benveniste’, é mais um resultado do projecto de I&D *Dioscórides e o Humanismo Português: os comentários de Amato Lusitano*, do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, coordenado por António Manuel Lopes de Andrade, em colaboração com a Cátedra de Estudos Sefarditas da Universidade de Lisboa.